

climatéricos e fatores associados em mulheres pré-menopáusicas tardias e pós- menopáusicas iniciais. Métodos: Estudo transversal com mulheres de 44 a 56 anos. Através de critérios internacionais (Workshop do Envelhecimento Reprodutivo +10) foram classificadas como pré ou pós-menopausa. Mulheres com doenças crônicas não controladas, que utilizavam terapia de reposição hormonal ou contraceptivo oral, com histórico de abuso de álcool e de drogas foram excluídas. Após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elas responderam a um questionário semiestruturado (dados sociodemográficos, hábitos e saúde), o Questionário Internacional de Atividade Física – versão curta e a Escala de Avaliação da Menopausa. Análises descritivas foram conduzidas (frequências, medianas e intervalos de confiança 95%, média e desvio padrão da média) no programa SPSS, versão 18.0, e comparações foram realizadas (teste t de Student para amostras independentes, Mann-Whitney, Qui-quadrado com análise residual ajustada e Correlações de Spearman). O nível de significância foi fixado em 5% para todas as análises. Foi obtida aprovação Ética Institucional (GPPG/HPCA, número 2018-0133). Resultados: Nas 106 mulheres analisadas (pré-menopausa, n=64, 47,00[47,01–48,30] anos; pós-menopausa, n=42, 50,00[48,60–49,92] anos) o tempo médio de menopausa foi 16,50[17,27–24,87] meses. A maioria apresentava sobrepeso (28,3%) ou obesidade (49,1%), não era tabagista (86,8%), informou não consumir álcool (55,7%), solteira ou residia sem companheiro (a) (60,4%). Em relação à atividade física, a maioria era inativa ou minimamente ativa (90,6%). O grupo pós- menopausa reportou mais sintomas vasomotores de moderados a severos (66,7%), enquanto os sintomas vasomotores leves foram associados ao grupo pré-menopausa (50,8%) (p=0,021). Os fatores ser solteira/residir sem companheiro (a) e etilismo foram positivamente associados à severidade dos fogachos (p=0,003 e p=0,029, respectivamente). Conclusões: Os sintomas vasomotores foram mais prevalentes no grupo de mulheres pós-menopáusicas iniciais. Conclui-se que o etilismo e ser solteira/residir sem companheiro (a) associa-se a sintomas vasomotores mais severos durante a transição menopausal. Apoio: FIPE, HCPA; CAPES.

eP2769

Aumento no número de consultas referentes ao ácido valpróico no Sistema Nacional de Informação sobre Agentes Teratogênicos (SIAT)

Helena Margot Flôres Soares da Silva; Gabriela Ecco; Taiane Dornelles Moreira; Victória Machado Scheibe; Camila Pocharski Barbosa; Daniela F Martins; Júlia R. F. Coelho; Mariana Horn Scherer; Lavínia Schuler-Faccini
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

INTRODUÇÃO: O ácido valpróico é um teratôgeno bem conhecido em humanos, com risco de teratogênese estimado em 10% em mulheres grávidas expostas. Teratogênese do neurocomportamento é de especial preocupação após exposição ao ácido valpróico na gestação, incluindo autismo. Os efeitos mutagênicos do ácido valpróico não são bem estabelecidos. Um dos prováveis mecanismos mutagênicos do ácido valpróico é sua ação como inibidor da histona desacetilase. Ainda assim, o ácido valpróico é amplamente prescrito para mulheres em idade fértil. Neste estudo, nós buscamos por ligações para o Sistema Nacional de Informação sobre Agentes Teratogênicos (SIAT) relacionadas ao ácido valpróico durante as três últimas décadas. **OBJETIVO:** Comparar o número de consultas realizadas ao SIAT em relação à segurança do uso de ácido valpróico no período gestacional em dois períodos distintos. **MÉTODOS:** Estudo descritivo retrospectivo com base nas informações disponibilizadas por meio do banco de dados referentes às consultas acerca do uso de ácido valpróico em dois períodos: 1990 até 2006 (Período 1) e 2007 até 2018 (Período 2). **RESULTADOS:** O SIAT recebeu um total de 12.486 ligações no Período 1: 24% sobre medicações com ação no sistema nervoso central (SNC). No Período 2, 7.979 ligações foram registradas com um aumento significativo de questionamentos sobre fármacos com ação no SNC (47%) (p<0.01). O ácido valpróico foi o motivo de 63 ligações no Período 1 (2.6% dos 2.282 fármacos com ação no SNC) e 113 no Período 2 (4.0% dos 2.784) (p<0.01). **CONCLUSÕES:** Houve um aumento nas ligações em relação às medicações que atuam no SNC nos últimos anos, e particularmente o ácido valpróico para mulheres em idade reprodutiva no Brasil. Acreditamos que o maior número de indicações médicas para o uso de ácido valpróico no tratamento de transtornos de humor possa ser a explicação desse aumento, apesar de existir evidência consolidada sobre a teratogenicidade neurocomportamental desse agente.

eP2913

Atuação da fisioterapia pélvica no Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Lavinia Sofia Cabral; Bárbara Sores Peterson; Lia Ferla Barbosa; Luciana Laureano Paiva; Jose Geraldo Lopes
HCPA - Hospital de Clínicas de Porto Alegre

Introdução: O Ambulatório de Fisioterapia Pélvica HCPA/UFRGS iniciou em 2013 com a parceria entre o Curso de Fisioterapia e a equipe médica do Ambulatório de Ginecologia, destinado às usuárias do Sistema Único de Saúde (SUS) com diagnóstico de origem urológica como a incontinência urinária (IU), além de se constituir um espaço de ensino, pesquisa e extensão universitária. A IU é a perda involuntária de urina sendo um problema de saúde pública, que causa grandes impactos sociais, influenciando negativamente a qualidade de vida (QV). A Fisioterapia Pélvica (FP) é a primeira linha de tratamento conservador da IU, uma das formas de tratamento pela FP é o Treinamento dos Músculos do Assoalho Pélvico (TMAP) em grupo realizado pela equipe. Além disso, foi desenvolvida a Escala de Satisfação com o Treinamento do Assoalho Pélvico em Grupo (ESTAPeG) como um estudo de validação que pretende propor um novo instrumento de satisfação com o TMAP em grupo. **Objetivo:** Relatar as atividades desenvolvidas pela equipe e apresentar a escala desenvolvida no Ambulatório (ESTAPeG) no ano de 2018. **Métodos:** As atividades são desenvolvidas semanalmente, às quartas feiras, no período da tarde, onde são realizadas avaliações de novas pacientes, reuniões de equipe, orientação, estudos de casos, reavaliação, atendimento individual e reabilitação do assoalho pélvico em grupo. A ESTAPeG é um instrumento de pesquisa que avalia domínios como a melhora dos sintomas, percepção corporal, convívio social, qualidade de vida, trocas de experiência, grau de satisfação. **Resultados:** A equipe de trabalho é multiprofissional, formado por fisioterapeutas, médicos ginecologistas, docentes, bolsistas de extensão, de iniciação científica e alunos do Pós-Graduação em Ginecologia e Obstetrícia. Foi aplicado o piloto da ESTAPeG, onde foi destacado três questões mais abordadas durante o tratamento que tratam do conhecimento do assoalho pélvico e suas funções, melhora da autoestima e segurança e a troca de experiência sobre a perda urinária no grupo. Verificamos que após a vivência no grupo, houve uma melhora em todos os itens supracitados. **Conclusão:** O Ambulatório de Fisioterapia Pélvica HCPA/UFRGS, durante os seus 6 anos de existência, tem oferecido as usuárias do SUS do HCPA com diagnóstico de IU acesso ao tratamento de reabilitação do assoalho pélvico, proporcionando melhoria dos sintomas urinários e qualidade de vida.